
G. Manetti y la traducción en el siglo XV – Edición crítica del *Apologeticus*, libro V, de Maurilio Pérez González, Universidad de León, 1999, 151 pp.

Dentro do panorama da história da teoria da tradução que, à parte as reflexões de São Jerônimo (ca. 331-420), principia basicamente no século XV, o italiano Giovannozzo Manetti (1396-1459) possui um papel de primeira ordem, e vem sendo redescoberto pelos historiadores da tradução. Contemporâneo de Leonardo Bruni (1374-1444), a quem se atribui o primeiro tratado sobre tradução (*De interpretatione recta*, composto ca. 1425), G. Manetti conheceu este escrito de Bruni e além de reproduzi-lo, sem mencioná-lo, aprofundou alguns aspectos da reflexão tradutória que Bruni não havia tratado, como a problemática da tradução das Sagradas Escrituras. Além de Bruni, outras duas importantes fontes embasam a reflexão de Manetti: a epístola nº 57 de São Jerônimo a Pamaquió, e Cícero, das quais extraiu aquilo que mais lhe interessava.

A obra em questão, intitulada *Libri V apologetici in defensionem Psalterii*, mais conhecida simplesmente como *Apologeticus*, foi escrita por Giannozzo Manetti para defesa de sua tradução dos Salmos (1454-1455) do hebraico ao latim. O livro quinto do *Apologeticus* trata especificamente da tradução (*de interpretatione recta*), e é este que Maurilio Pérez González, professor na Universidade de León, apresenta em edição bilingüe crítica e comentada. Deve-se recordar aqui que Manetti foi um homem muito religioso e o primeiro a traduzir o *Novo Testamento* do grego ao latim no período humanístico, o que o situa na vanguarda da tradução das Sagradas Escrituras, à frente inclusive do próprio Erasmo, que traduziu o *Novo Testamento* a partir do grego, e que desconheceu a tradução de Manetti.

O texto de Giannozzo é, segundo Pérez González, “la culminación de las teorías humanistas sobre la traducción” (p.73). Muito próximo de Bruni, para Manetti os requisitos de um bom tradutor são: 1) o conhecimento de ambas línguas; 2) o conhecimento da natureza e essência das palavras; 3) o conhecimento dos hábitos e figuras de linguagem; e 4) a necessidade de possuir ou-

vidos finos e harmoniosos. Para ele, há dois tipos básicos de tradução, que dizem respeito ao seu conteúdo: a de assuntos humanísticos (poesia, retórica e história) e a da filosofia e teologia. E são três as formas sob as quais se processa: 1) literal (*ad verbum*); 2) sensual (*ad sensum*); e 3) 'livre' (em que se omitem ou acrescentam palavras com fins de adorno). Manetti, embora afirmando que sua tradução dos Salmos havia sido "quase literal" (*paene ad verbum*), defende a tradução *ad sensum* apoiando-se em autoridades clássicas como Cícero, Horácio e Jerônimo, e reconhecendo que os tropos, metáforas e figuras de linguagem não podem ser traduzidos na forma *ad verbum*. Uma das grandes diferenças no pensamento tradutológico de Manetti em relação ao de Bruni está em que este advogava um tratamento retórico para os textos filosóficos, enquanto que Manetti os agrupa com as Sagradas Escrituras, cuja tradução deve ser *paene ad verbum*. Para a tradução destes textos seria mister toda exatidão e precisão possíveis. Talvez a maior novidade de Manetti frente a Bruni seja seu intento de preceptuar a tradução de textos sagrados, os quais Bruni não

menção em seu tratado, e que foram de suma importância durante o Renascimento.

Para o autor da 2ª edição crítica do livro V do *Apologeticus* – a primeira edição crítica de todos os cinco livros foi realizada por Alfonso de Petris, em 1981, na Itália – é surpreendente o fato de este texto, de um 'tradutólogo' tão importante quanto Bruni, estar sendo somente há pouco menos de 20 anos redescoberto e reconsiderado, tendo sido ignorado por tantos grandes estudiosos. Comprovado seu desconhecimento na Espanha, Pérez González elaborou uma apresentação bilingüe (latim/castelhano) e sinótica do texto de Manetti acompanhado de uma contextualização básica em outros seis capítulos que tratam de sua vida e obras, um estudo do *Apologeticus*, um estudo do livro V do *Apologeticus*, reflexões sobre a tradução no século XV, índice e bibliografia. O grande prazer da leitura está, no entanto, nas 27 páginas que constituem o texto manettiano e que levam o leitor a refletir e reconhecer ali presentes algumas das bases da tradutologia moderna.

Mauri Furlan
UFSC